

ção da renda: "E, destes, embora a pesquisa não faça referência, destacam-se os grandes latifundiários, industriais e outros empresários — nacionais ou estrangeiros — que não representam sequer 0,1% da população".¹³⁰ No Recife, em outubro de 1960, o quinto mais pobre da população tinha renda *per capita* mensal de 27,60 cruzeiros (preços de abril de 1969); o quinto mais rico, de 157,00 cruzeiros. Em março de 1967, o quinto mais pobre baixou de 27,60 para 14,10 cruzeiros, enquanto o quinto mais rico subiu de 157,00 para 244,70 cruzeiros. Note-se: Recife é a maior cidade nordestina; por aí é fácil imaginar o nível de renda do trabalhador rural da região.

O economista Carlos Lessa apreciava, em 1970, a "história pela qual a renda no Brasil se tornou um privilégio de poucos", acusando "a política de desenvolvimento praticada pelo Estado", com mecanismos como os subsídios diretos, o câmbio especial, os investimentos diretos do Estado que "beneficiavam muito menos os grupos mais pobres da população, os setores mais atrasados da economia", servindo "aos grupos de maiores rendas". Apontava particularmente os incentivos fiscais, quando "uma parte da renda, que seria redistribuída pelo Estado, permanece em poder de seus titulares". Acusava o sistema tributário adotado entre nós como dos "mais regressivos do mundo". Detalhava: "Estudos já feitos indicam que são os trabalhadores de salário mínimo e os profissionais de nível médio, como funcionários públicos, comerciários, bancários, militares, os mais onerados com a carga de impostos diretos e indiretos. Os trabalhadores que recebem salário mínimo chegam a pagar de tributo uma percentagem da sua renda três vezes maior que a percentagem paga pelo grupo mais rico. Os profissionais de nível médio pagam mais de cinco vezes. Enquanto isso, a carga tributária sobre a camada mais rica não chega a 10% dos seus rendimentos".¹³¹ Já o industrial Alfredo Viana considerava que era importante estudar os mecanismos da concentração. Através deles é que "o crescimento da produção nacional é absorvido pelo Estado, de um lado, e pelas empresas de capital estrangeiro, de outro". São eles — dizia — que alimentam o processo evidente de desnacionalização da economia".¹³²

¹³⁰ "Os pobres estão ficando mais pobres no Nordeste. Concentração de renda é pior do que a seca", in *Fato Novo*, nº 10, São Paulo, semana de 1 a 7 de julho de 1970.

¹³¹ "Do uso da terra, surgiu o erro", depoimento em *Correio da Manhã*, Rio, 31 de maio de 1970.

¹³² "Concentração traz desnacionalização", depoimento em *Correio da Manhã*, Rio, 31 de maio de 1970.